

# Journal do Domingo.

## REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

### ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros..... 24500 réis  
Semestre ou 26 numeros..... 12250 »  
Trimestre ou 13 »..... 700 »  
Avulso..... 60 »

— ANNO I—5 DE FEVEREIRO DE 1882—N.º 51—

GERENTES-PROPRISTARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

### ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 74000 réis  
Semestre ou 26 numeros..... 37000 »  
Trimestre ou 13 »..... 24000 »  
Avulso..... 200 »

### SUMARIO

GRAVURAS:—Bruges; Morte de Carlos, o temerario; A Caçada; A abbadia d'Orval.

TEXTO:—Actualidades, por Pharés; As nossas gravuras; Cancioneiro de Garcia de Rezende, por José de Souza Monteiro; Scenas da vida americana, por Alfredo de Brehat; Horas d'ocio: Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

### ACTUALIDADES

Essa coisa que d'antes havia ahi, ainda ha pouco tempo, — lembro-me muito bem, e não sou tão velho como isso, — e que se chamava inverno, parece que acabou.

Passou de moda, como a saia balão, o chapéu de tres bicos, os versos ao piano, os dramas do sr. Mendes Leal, e o talento da sr.ª Emilia das Neves.

Francamente, francamente não temos pena algu-

de nuvens cinzentas sobre a sua bella tunica azul, e a chuva por se ter retirado completamente a vida privada.

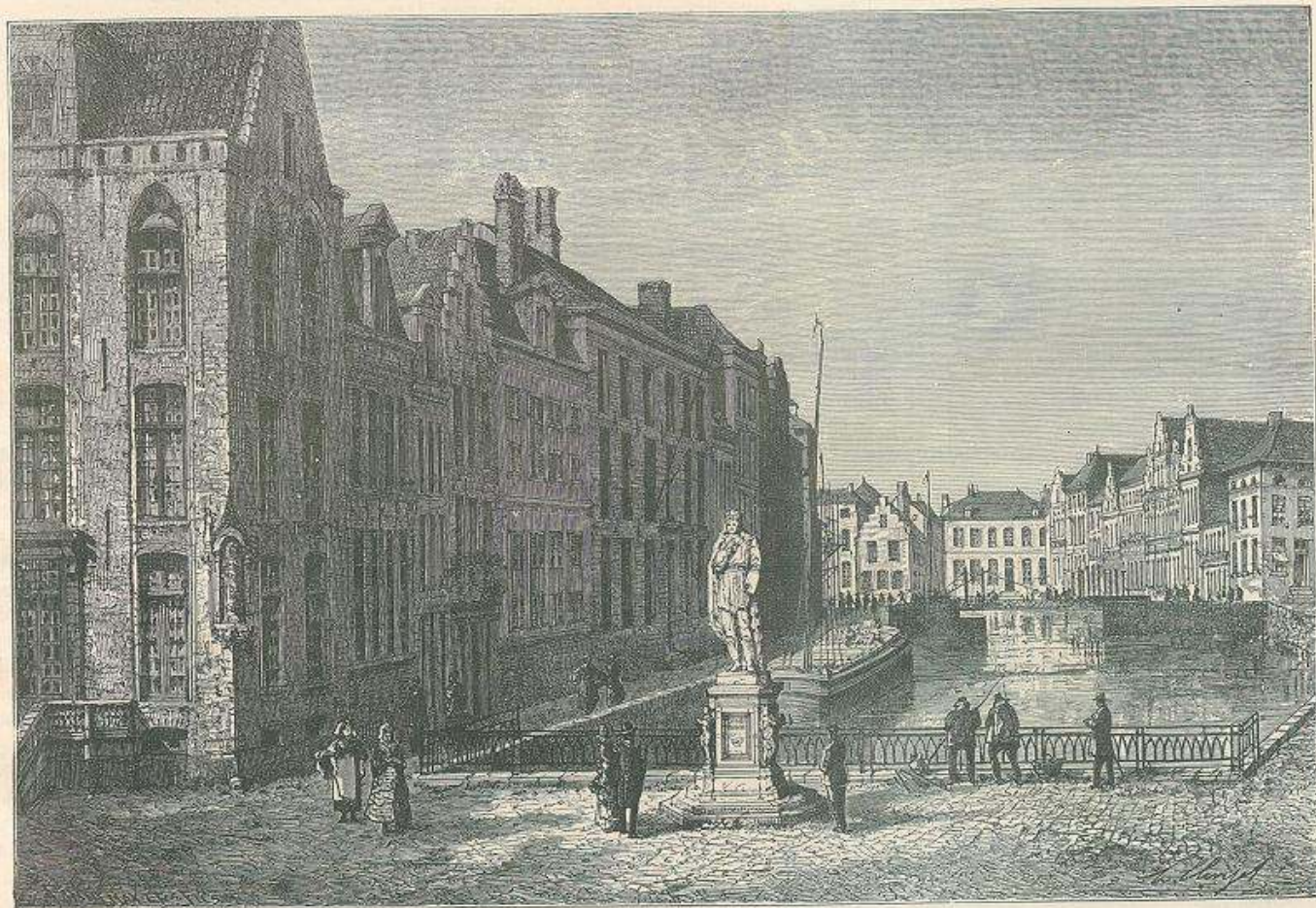
A quem isto faz falta sabemos nós; é aos romancistas *à sensation*, aos authores dos romances sinistros, d'esses romances em que pelas noites negras, illuminadas apenas, de vez em quando, pela luz electrica do Jablockoff-raio, os cavalleiros silenciosos, açoitados pelo vento em furia, iam voando em phantasticos corseis, pelas penedias erguidas a pique so-

bategas d'agua que davam cabo de todas os guardas chuvas.

E por isso não nos admiraremos inteiramente nada, se um dia d'estes esbarrarmos no *Diario de Noticias* com o seguinte annuncio:

### ALVIÇARAS

«Perden-se, desde o principio de outubro até ao meiado de fevereiro, uma magnifica estação cheia de



BRUGES

ma d'isso, e não seremos nós quem censure o sol por conservar todo o anno a sua luz alegre e quente de junho, o ceu por não pôr nunca um prussiano

bre abysmos insondaveis, fazer qualquer croisa que não se podia fazer decentemente sem o acompanhamento massador do ribombar do trovão, e sem umas

chuvas torrencias, de ribombos de trovão, e de turracões impetuosos, que dá pelo nome de Inverno. Quem a encontrasse e a queira restituir, dirija-se a

rua do Sol ao Rato, a casa do sr. Leite Bastos, onde receberá boas alvargens: — a collecção das *Tragedias de Lisboa*, ou os *Dramas d'Africa*, ou o *Papa Gilberto* ou o *Sello da morte* ou o *Tio do dr. Polido*, a escolher.»

E o sr. Leite Bastos ficará mais contente no dia em que lhe restituírem o seu inverno, que o nosso caro Jayme Segnier no dia em que lhe restituíram o seu bello *pardessus* perdido no baile da *Associação Commercial*.

\*  
\* \*

E a alegria de Leite Bastos comprehende-se facilmente.

Leite Bastos não é um Ponson du Terrail, um sujeito qualquer sem a menor consciencia litteraria que só procura os effeitos estapafúrdios das situações complicadas. Leite Bastos é uma poderosa organização artistica, é um excentrico das nossas letras, uma individualidade curiosa que hoje se está pondo em evidencia por um trabalho colossal que enche o *rez-de-chaussée* de sete ou oito jornaes portuguezes e brasileiros, ao mesmo tempo.

Conduz o seu *char-à-bancs* litterario, pelas estradas quasi solitarias do romantismo portuguez, a cinco ou seis soltas, uma equipagem de rei, e as redeas nunca se lhe embarçam na mão forte e habil, e elle lá segue o seu caminho, lá chega ao seu destino, ora a passo, ora a trote, aos solavancos aqui e ali, mas sem dar nunca nenhum d'esses trambolhões que inutilisam uma jornada.

Agora por exemplo vae elle a caminho de deslance com cinco romances differentes, cada um dos quaes tem uma multidão de personagens capaz de estontear, só por si, o mais habil artista de *mise-en-scène*.

E elle lá se havem com tudo aquillo, sem fazer casar a ingenua do romance A com o galan do romance B, e sem fazer matar o tyranno do romance C pela Providencia do D, etc., etc.

Para chegar a estes resultados Leite Bastos tem um systema de trabalho perfeitamente original, um systema que no fim de tudo se parece com elle, que é a physionomia mais original que ha na correcta sociedade lisboeta.

\*  
\* \*

Leite Bastos é um homem baixo, magro, ligeiramente curvado, calvo como um joelho, myope como o sr. conselheiro Viale.

Até ha pouco tempo usava bigode e pera, o talhe de barba da geração litteraria em pleno successo quando elle começava; tinha uma despreocupação de poeta antigo por tudo que era *toilette*, um desdem philosophico pelos sorrisos trocistas das convenções sociaes, e andava ali pelas ruas montado n'um cavallo, que parecia fugido ao bando dos touros, ou antes, de que parecia o bando dos touros ter fugido. Esse cavallo era o menino bonito de Leite Bastos, era a sua paixão.

Tinha por elle um amor tão extremo que nem se atrevia a contrariar-o.

Quem passeiava era o cavallo, não era elle.

Salvia de casa para ir ao Campo Grande, por exemplo, mas o cavallo voltava para Belem e elle lá ia para Belem, as vezes por cima dos passeios se o cavallo tinha a phantasia d'ir ver as *montres* das lojas, e toda a gente que passava parava a ver aquelle estranho cavalleiro, sem saber que era a elle que

devia as commoções violentas, que ao almoço recebera no folhetim do *Diario de Noticias*.

A' noite Leite Bastos atravessava o Chiado com uma enorme sacca debaixo do braço. Era a fava para o cavallo, e era elle quem lhe dava de comer, quem o limpava, quem o penteava, com um carinho, com uma sollicitude, que fazia com que todos os bellos cavallos de raça, das magnificas carruagens fidalgas, olhassem para aquella pileca com uns olhares invejosos, e dizendo consigo, nos seus mais dourados sonhos de cavallo:

— Quem me dêra ser o cavallo do Leite Bastos!

\*  
\* \*

Um bello dia Leites Bastos rapou a pera. Foi o signal d'uma enorme revolução.

Estavamos no theatro da Rua dos Condes n'um camarote com Salvador Marques.

— Olhe o Leite Bastos, disse-nos elle.

— Onde?

— Na platêa, ali.

Olhámos, não o vimos.

— Onde está elle?

— Ali, na primeira fila.

Effectivamente um homem dizia adeus, sorrindo, para o nosso camarote.

Não o reconhecemos.

A pera desaparecera, os poucos cabellos até ali indomaveis estavam penteados com esmero, a velha sobrecasaca desleixada fôra substituida por um fraque de talhe irrepreheavel, e... coisa assombrosa! Leite Bastos tinha luvas, calçadas, umas luvas finas, elegantes, bispontadas.

Oh!

D'esse dia em diante nunca mais vimos Leite Bastos com cavallo, mas tambem nunca mais o vimos sem luvas.

E até chegámos a suspeitar pelo amor que de repente elle mostrara por essa pellica, se essas luvas seriam feitas com a pelle do seu cavallo...

\*  
\* \*

Na litteratura Leite Bastos é um intermediario entre Paulo de Kock e Ponson du Terrail. Tem a observação alegre do auctor da *Irma Anna*, e a imaginação exuberante do auctor do *Rocambole*.

Em todos os seus livros ha a mãos cheias uma graça natural, ás vezes um pouco brutalmente satyrica. Não cria um mundo imaginario, e uns caracteres phantasticos, para emaranhar os mais complicados enredos: é com personagens reaes, humanos, que elle constroe as suas acções interessantes, embrulhadas, que prendem da primeira á ultima pagina o espirito do leitor.

Alguns dos seus personagens são tão bem estudados, tem uma nota tão humana, que parecem feitos por Zola; todas as suas physionomias, mesmo as mais secundarias, vivem por um traço firme e nítido, como as figuras desenhadas pelo grande Dumas.

Leite Bastos trabalha a seguir desde as 9 horas da manhã até ás 6 da tarde. Divide os romances por horas. Das 9 ás 11, o romance para o David Corazzi, das 11 á uma o romance para o *Jornal da Noite*, da 1 ás 3, o romance para o Alberto, das 3 ás 5, o romance para o *Diario de Noticias*, etc.

Tem enormes tiras separadas, com os entrecos e os personagens de cada romance, e um secretario a quem dita, porque Leite Bastos não escreve uma linha.

Em dando a hora, Leite Bastos deixa um romance

n'uma situação d'effeito, e começa a dictar o outro até o relógio lhe dizer basta, e depois, o outro, o outro, assim successivamente.

E á proporção que vae dictando, sentado na sua cadeira, immovel, vendo moverem-se e viverem dentro do seu espirito os seus differentes personagens, Leite Bastos vae dictando mais depressa, mais depressa, até que o secretario não pôde acompanhar com a sua penna aquella torrente enorme de palavras.

E quando está no seu melhor momento, ás vezes, tem que parar porque o secretario já não pôde escrever uma linha.

— E' o diabo, dizia-nos elle ha dias, quando começo a dictar estou frio, depois começo a aquecer, a aquecer, e quando eu estou quente é que o demonio do secretario começa a arrefecer, e já não pôde escrever, com os dedos frios e cansados de pegar na penna.

\*  
\* \*

Ora para se fazer tudo isto é necessario uma forte organização litteraria e um talento de primeira ordem.

Esse talento tem a feição moderna, a observação, o estudo do natural, embora não tenha essa coisa secundaria, e que hoje se colloca em primeiro lugar, o processo.

E é por Leite Bastos não prescindir da verdade para os seus romances, que lhe hade fazer uma falta de to os os demonios o inverno.

Porque realmente não comprehendemos como, com este sola legre e este ceu tão limpido, se hão de fazer os dramas pungentes e as situações violentas, tragicas, sinistras e tetricas, dos romances de capa e espada.

Com este bello sol que faz cantar os passaros e reverdecer as arvores, só se pôdem escrever deliciosos idylls.

Só não... tambem se pôdem escrever más chronicas.

PUARÉS.

## AS NOSSAS GRAVURAS

Bruges — Representa a nossa gravura a praça da Academia, d'essa formosa cidade belga, uma das mais pittorescas, uma das mais ricas em recordações artisticas e archeologicas d'esse paiz flamengo, onde floresceram tanto no seculo XV a arte e a industria, onde, á sombra dos foros das livres e ricas cidades que hoje constituem o reino da Belgica, se compozeram algumas das obras primas da pintura europeia.

Bruges é uma cidade que nos interessa especialmente a nós outros portuguezes. Liga-se por varios motivos á nossa historia. Em primeiro lugar a estatua, que os leitores vêem na gravura, que lhes apresentamos, é a estatua de João Van-Eyck, o celebre pintor flamengo, moço da camara do duque Philippe o Bom de Borgonha, que foi por este enviado a Portugal para tirar o retrato da formosa princeza D. Isabel, filha de D. João I, que uma embaixada composta de João de Roubaix e de Herzeel, conselheiro e primeiro camarista do duque, Balduino de Lannoy, appellidado o Gago, senhor de Molenbaix e governador de Lille, André de Toulangeon, escudeiro e senhor de Mornay, seus conselheiros e camaristas, Gil d'Esournay, doutor em decretaes e preboste de Hurlbeck, Guy Guilbant conselheiro e governa-

dor geral da fazenda ducal e Balduino d'Ognies, escudeiro, que essa numerosa embaixada pois ia pedir em casamento.

O erudito barão de Reiffenberg, annotador da edição belga da *Historia dos duques de Borgonha*, do barão de Barante, supõe que essa vinda de João Van Eyck a Portugal era um facto completamente desconhecido antes da publicação da *Collecção de documentos inéditos concernentes á historia da Belgica*, publicação dirigida pelo sr. Gachard, um dos nossos mais eruditos contemporâneos. Enganou-se pelo habito que tomaram os estrangeiros de nunca vir folhear os nossos livros, nem consultar os nossos historiadores. Gomes Eanes de Azurara dera noticia d'esse facto, orthographando mal, porém, o nome do pintor, a quem chamou João de Yel, em vez de João de Eyck ou João Van Eyck.

E pois o vulto do pintor flamengo que, em presença do grande D. João I, e de seus nobres filhos, reproduziu com o seu pincel immorttal as gentilissimas feições da infanta portugueza, e que alli campeia na praça de Bruges.

Foi em Bruges tambem que se celebrou o casamento do duque Philippe o Bom de Borgonha com a infanta D. Isabel de Portugal. O dia 10 de janeiro de 1430 foi de indelevel recordação para todos os que assistiram a essas festas sumptuosas. Rivalisavam em luxo e em esplendor fidalgos e ricos mercadores. As ruas estavam alcaifadas de magníficos tapetes de Flandres, no palacio ducal tinham-se construido salas novas. Assistiam ao casamento a duquesa de Bedford, e a duquesa de Clèves, irmãs do noivo, formavam o cortejo da filha de D. João I e senhoras de tão alta fidalguia como a condessa de Namur, a condessa de Lorena, madama de Luxemburgo, etc. As festas duraram oito dias, e hoje não se pôde fazer idéa da espantosa magnificencia que alli se desenvolveu. Na cidade os populares interrompiam as dansas para beber e deixavam de beber para ir dansar. Defronte do palacio havia tres fontes: uma era um leão de pedra, que deitava sem cessar vinho do Rheno, outra representava um veado que deitava vinho de Beaune, a terceira um unicornio que fazia saltar em repuxo agua de rosas para lavagem das mãos, e depois, alternadamente, vinho de Malvasia, vinho de La Romanée, e vinho moscatel. D'estas festas pantagruelicas já hoje não podemos fazer idéa.

Mas o que tornou para sempre celebre este casamento foi a instituição da ordem do Tosão de Ouro, que a essas festas se ligou. Foi no proprio dia do casamento, 10 de janeiro de 1430, que Philippe o Bom instituiu essa famosa ordem de cavallaria, que está sendo hoje com a ordem ingleza da Jarreteira e a italiana da Annunziata, uma das raras distincções que ainda conservam todo o seu alto aprego e valor.

Foi sempre a cidade de Bruges muito predilecta da duquesa, e, quando principiaram os descobrimentos e as colonisações dos portuguezes, muitos cidadãos d'essa terra foram por D. Isabel recommendados a seu irmão D. Henrique, e este fez-lhes doações nos Açores. De todos o mais celebre foi Josué Van den Berge ou Jacome de Bruges, que povoou a ilha Terceira. Alguns escriptores estrangeiros queiram mesmo que fosse elle o descobridor, mas o documento authenticado da doação, firmado por D. Henrique, destróe completamente semelhante idéa. Affirma-se que Jacome de Bruges morreu em pleno Oceano victima de mysterioso assassinio. Conta-se que recebeu de Bruges, sua terra, uma carta supposta em que lhe annunciavam uma grande herança. Logo partiu, e nunca mais houve noticia d'elle. Tem todo o cara-

cter de novella esta versão, apresentada por Antonio Cordeiro.

Assim, quando algum dos nossos compatriotas visitar a formosissima cidade de Bruges, não vá ver unicamente, como os guias lhe indicam, a casa em que esteve um imperador prisioneiro, o tumulo de Carlos o Temerario, as casas burguezas do seculo XV e XVI que se miram nas aguas limpadas do canal, o edificio do seculo XIV onde está hoje a Academia, não pense unicamente que está na Veneza flamenga, na capital dos duques de Borgonha, na communa gloriosa de João Breydel e de Pedro de Koninck; mas, contemplando a estatua de João Van Eyck esculpida em marmore por Calloigne, mirando essas casas burguezas, n'algumas das quaes morou ainda talvez Jacome de Bruges, a praça onde corria em ondas nas fontes improvisadas de 1430 o vinho do Rheno e Malvasia, o antigo palacio ducal onde Philippe o Bom instituiu, em honra dos bellos olhos da sua noiva portugueza, ou das fulvas tranças da sua amante madame de Bruges, como dizem as más linguas, a ordem do Tosão de Ouro, lembre-se d'essa grande época em que os primeiros pintores da Europa vinham a Lisboa pôr a sua immorttal palheta ao serviço das nossas infantas, em que a mão das nossas princezas era sollicitada como alta honra, pelos principes mais poderosos da Europa, em que os ricos burguezes das opulentas cidades industriais do norte vinham pedir, como especial mercê, aos nossos avoengos que repartissem com elles do seu vasto conhecimento de mundos novos, e, evocando todas estas recordações gloriosas e brilhantes, console-se um pouco, se o dono da hospedaria de Bruges, onde assentam os seus arraiaes, nem mesmo tiver conhecimento do nome de Portugal.

**MORTE DE CARLOS O TEMERARIO**—Podiamos fundir n'um só estes dois artigos, porque realmente estas duas gravuras evocam successivamente a memoria de uma das épocas mais curiosas dos annos portuguezes, de uma das épocas em que a nossa historia mais intimamente se enlaçou com a historia europeia.

A gravura antecedente evocou a memoria do famoso casamento da princeza Isabel de Portugal, realiado em Bruges em 10 de janeiro de 1430. Continuemos.

Isabel deu a seu marido tres filhos. Jacome e Antonio, que morreram novos, e Carlos que herdou o ducado e se tornou celebre pelo seu heroico valor, e pela imprudencia da sua indole arrebatada, que o levou a uma desastrosa morte, e que lhe valeu da posteridade o cognome de Carlos o Temerario.

Philippe o Bom morreu em 1467, Isabel em 1471. Carlos seu filho venerava-a tanto, que poz a saque Dinan, como prova Michelet, só porque os habitantes da cidade tinham ousado ultrajar a memoria da sua mãe.

Neto de D. João I, Carlos o Temerario orgulhava-se do sangue portuguez que lhe corria nas veias. A seguinte anecdota, por exemplo, é caracteristica:

Em 1470 enviou o rei de França embaixadores ao duque de Borgonha, para se desculpar de ter feito alliança com os inimigos do duque. No meio da audiencia, irritado pela altivez de um embaixador, Carlos o Temerario levantou-se de subito e exclamou: «Entre nós outros portuguezes é costume que, quando os nossos amigos se fazem amigos dos nossos inimigos, mandamol-os aos cem mil diabos do inferno.» Os seus conselheiros lamentaram essa violencia, e murmuraram, exclamando: «Nós outros portuguezes, diz elle, renunciando assim ao nobre reino de França, e fazendo-se do paiz de sua mãe.»

Mas, se Carlos o Temerario se orgulhava de ser neto do grande rei D. João I de Portugal, não sabia contudo seguir-lhe os exemplos. Este representara na Europa o elemento juvenil da democracia, e por isso vencera em Aljubarrota, á frente dos peões dos municipios. Carlos o Temerario representou o principio caduco da aristocracia feudal, e por isso foi vencido com os seus cavalleiros borgonhezes pelos peões suíços em Granson e em Morat, essas Aljubarrotas do norte. Além d'isso tinha como rival e inimigo o astuto Luiz XI, um dos iniciadores da época diplomatica, um dos fundadores da centralisação monarchica. Succumbiu, como succumbia em toda a Europa o feudalismo, diante da colligação mais ou menos tacita da democracia suíça e do centralismo realengo francez.

Ainda a historia da sua ultima batalha e da sua desastrosa morte se enlaça de um modo apertadissimo com a historia portugueza. Eis o caso:

Afonso V de Portugal quizerá cingir tambem a coroa de Castella, e para isso teve guerras pouco felizes. Quasi vencido em Toro, resolveu ir pedir o auxilio do rei de França Luiz XI, e partiu n'esse intuito para Paris. Recebeu-o optimamente mas zombou d'elle o manhoso Luiz XI, que, depois de o illudir por muito tempo, soube convencer-o de que tudo se arranjaria se elle conseguisse de seu primo co-irmão, Carlos o Temerario, que não atacasse a França, enquanto este reino estivesse auxiliando Portugal. N'essa occasião o duque de Borgonha sitiava Nancy, capital do ducado de Lorena, em consequencia da guerra que o duque René, incitado secretamente por Luiz XI, lhe movêra.

D. Afonso V, com a sua caracteristica boa fé, partiu para o acampamento do duque de Borgonha, cuja indole tinha bastante semelhança com a sua, posto que a de D. Afonso V, modificada por uma fina educação e por uma grande cultura de espirito, não tivesse a brutalidade impetuosa e taurina do filho de Isabel.

Este recebeu-o admiravelmente, mas provou-lhe que Luiz XI não queria senão enganar os a ambos. Propunha paz e alliança, e ao mesmo tempo mandava reforços ao duque de Lorena. Além d'isso Carlos o Temerario não pensava senão na lucta em que se achava empenhado e cujo desenlace fatal estava bem proximo. Em vez de tratar dos negocios de Afonso V, pediu-lhe que se encarregasse da defeza de Pont-à-Mousson. Apesar de muito apaixonado por batalhas e guerras, D. Afonso V não estava muito disposto a metter-se na contenda. Partiu descontente, e com tristes presentimentos. O exercito de seu primo achava-se n'um deploravel estado; exhaustos os soldados, pouco satisfeitos os chefes. Além d'isso quem soubera grangear a amizade e a confiança de Carlos o Temerario fôra um aventureiro italiano, o conde de Campo-Basso, que no momento decisivo o trahi. Pelos caminhos de Lorena cobertos de neve, D. Afonso V pensava com tristeza na sua unica entrevista com seu primo.

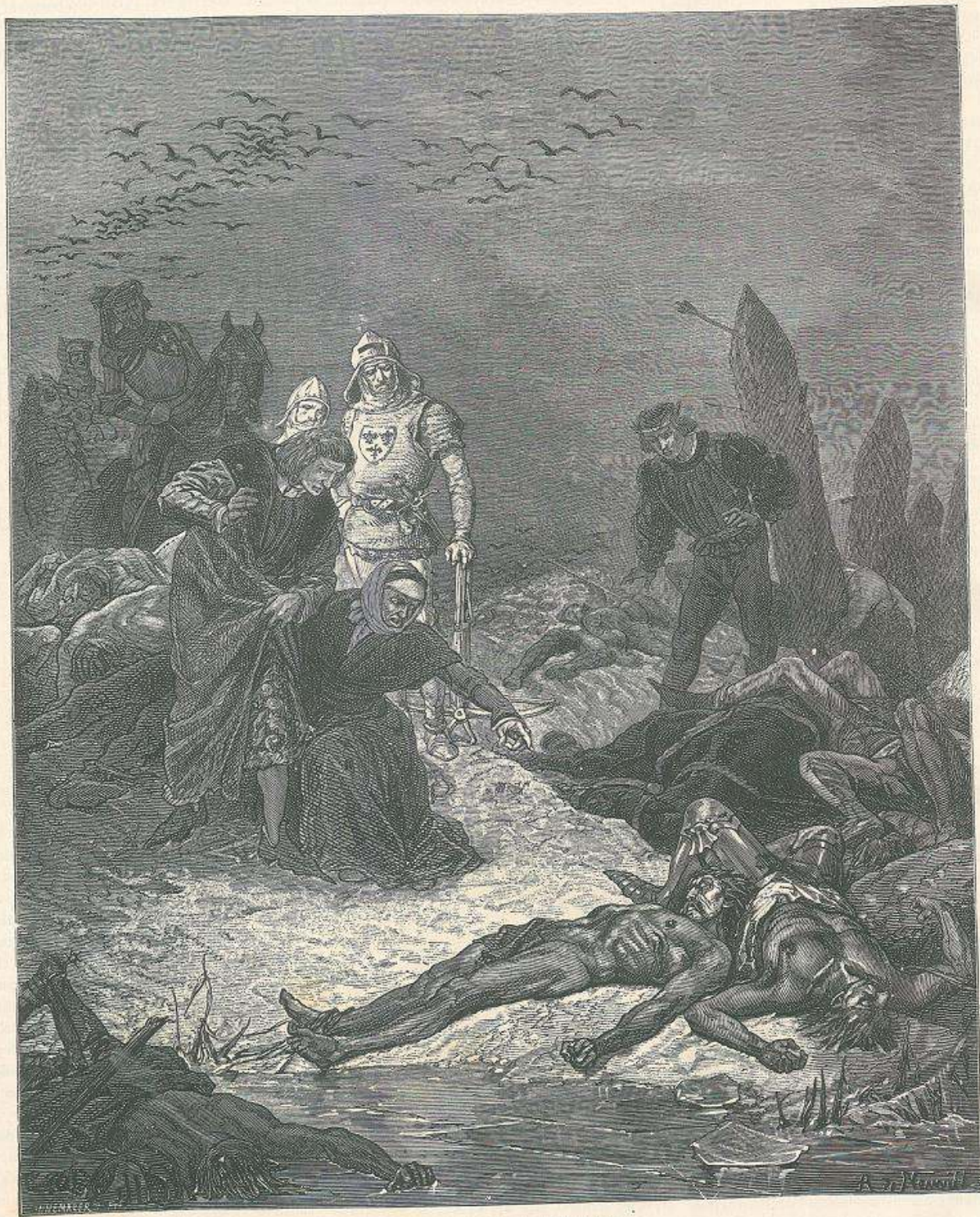
Passava-se isto no dia 30 de dezembro de 1476. A 3 de janeiro de 1477, Carlos o Temerario, justificando o seu sobrenome, e sem attender aos conselhos dos seus mais fieis capitães, para seguir a opinião do estrangeiro traidor, apresentou batalha aos Lorenses. Campo-Basso logo no principio do combate passou para o inimigo, a linha de batalha dos Borgonhezes exhaustos e desanimados foi rota facilmente, e Carlos o Temerario não fazia senão procurar a morte no ardor da peleja. *Ece magnum signum Dei!* disse elle com aspecto sombrio quando lhe caiu do capacete o leão d'ouro de Flandres que lhe ornava a primeira. Depois sumiu-se nas ondas dos inimigos, e

nunca mais se soube d'elle. Era certa a sua morte, e o vencedor, o duque René de Lorena, procurou por toda a parte, e por muito tempo debalde, o cadaver do seu adversario. Quem o encontrou foi uma lavadeira, criada da casa do temerario duque. Solto um grito ao reconhecê-lo. Duvidava o duque de Lorena, duvidavam os fidalgos borgonhezes que an-

filho de Izabel recebera em tempo na batalha de Monthéry.

O neto de D. João I morria como morreu depois outro descendente do nosso mestre d'Aviz, el-rei D. Sebastião. Como aconteceu com o vencido de Alcaer Kibir, tambem o povo não quiz por muito tempo acreditar na morte de Carlos o Temerario; mas

para phantasiar um romance intitulado o *Solitario*, em que ha o eremiterio da montanha e a ponte da torrente, a floresta mysteriosa, uma Elodia de vestido azul e branco, varias tempestades, alguns subterraneos, e muita inepecia, que, depois de haver sido diluida em pessima prosa franceza, foi posta n'um portuguez de tendeiro, e impressa em dois volumes



MORTE DE CARLOS O TEMERARIO

davam tambem na pesquisa, porque o cadaver estava extremamente desfigurado, mas ainda n'este momento apparece um portuguez. Era Mathews Lopes, medico do duque e feito por elle senhor de La Garde. Foi esse nosso patricio que reconheceu o corpo pela cicatriz de uma ferida, que o valente e louco

não se formou a lenda emtorno do seu nome, porque a violencia e a brutalidade da sua indole não davam ao seu vulto o prestigio da cavalheiresca figura de D. Sebastião. Só o visconde de Arlincourt, o Homero piegas do feudalismo *rococo* é que aproveitou a morte mysteriosa do celebre duque de Borgonha

n'um papel de embrulhar assucar. Pobre Carlos o Temerario!

A CAÇADA.—A scena é deliciosa. Um caçador elegantissimo, de fino bigode, e physionomia attrahente, parte bem montado, para o fragueiro divertimen-

to da caça, levando os seus cães que se deixam acariciar por mão feminina, enquanto o dono bebe o copo de estribo, como dizem francezes e inglezes, copo que lhe é offerecido pela mais suave e elegante figura de mulher que é possível imaginar-se. O grupo é encantador.

Iers-devant-Orval, ao sul do pittoresco rio da Semoy, no Luxemburgo belga, soffreu essa infeliz sorte; hoje o viajante não vê senão pannos de muralhas no sitio onde se ergueu outr'ora uma das mais bellas construcções gothicas conhecidas.

«No anno de 1070, diz a legenda, que Berthollet conta na sua *Historia ecclesiastica e civil do ducado de*

O conde de Chiny, da casa de Granson, Arnaldo II, cedeu-lhes esse deserto e ajudou os a fundarem esse mosteiro.

«Sete annos depois, a duqueza Mathilde, acabrunhada pela perda de seu marido e pela morte de seu filho de idade de oito annos, que acabava de se afogar no Semoy, veio a Chiny ver o conde Arnaldo.



A CAÇADA

A ABBADIA D'ORVAL.—Antes de 1789 havia na Belgica um grande numero de mosteiros e de abbas que se distinguiram pelas riquezas architectonicas da sua construcção. Os vandalas de 1793 passaram o seu nivel destruidor por todas essas obras primas e não deixaram senão ruinas.

A abbadia d'Orval, situada na communa de Vil-

Luxemburgo e do condado de Chiny que uns religiosos beneditinos que tinham saído da Calabria, na Italia, vieram pela Lorena, até à extremidade da floresta das Ardennas, e encontraram um valle deserto, cercado de montanhas, no meio de uma floresta densa e regada de fontes, onde resolveram fixar a sua habitação.

«Durante a sua residencia alli, a triste viuva de Guilherme, o corcunda, visitou os religiosos estrangeiros, algumas cellas dos quaes se elevavam em torno de um pequeno oratorio dedicado á Santissima Virgem. Um dia que a duqueza estava sentada á beira de uma fonte limpida onde lavava as mãos, o anel nupcial soltou-se-lhe do dedo, e caiu-lhe á

agua sem que o podesse encontrar. Afflictiissima, confiou o seu desgosto aos beneditinos que lhe aconselharam que invocasse a Virgem e que rezasse com toda a confiança. Assim fez, e no dia seguinte, ao voltar á fonte, viu dirigir-se para ella um peixe que lhe trazia o seu precioso anel de ouro. Logo exclamou no transporte da sua admiração e do seu reconhecimento:—Feliz valle que me restituiste esse ouro cuja perda eu tão ardentemente lamentava, se-rás d'ora ávante chamado o *Valle de Ouro*.

Foi assim que a abbadia tomou o nome de *Aurea Vallis (Orca)*.

A duquesa, grata a este successo, deu aos beneditinos avultadas quantias, que, juntas com as dadas do conde Arnolde, lhes permittiram lançar os alicerces de uma igreja e de um mosteiro cuja sagradação se realisou em 1124.

A 9 de março de 1144, Bernardo, abade de Clairaval, fundador da regra de Cister, enviou para alli os religiosos. Favorecidos pelos condes de Chiny, depois pelo famoso Rodolpho de Hapsburgo em 1276, e pelos imperadores Henrique VII e Carlos IV, esse mosteiro não tardou a ser poderoso e rico.

Em 1737 as tropas do marechal de Châtillon destruíram-n'o em parte.

Levantou-se uma nova igreja que foi construída vinte annos depois (1758) segundo os planos e de-haixo da direcção do architecto Dewez, a sua magnificencia inspirou ao abade de Feller em 1787 as seguintes palavras: «O antigo edificio parece uma cidade; e o novo uma residencia regia. Apesar de se não achar concluida é facil presentir que virá a ser a mais bella abbadia do mundo.

#### CANCIONEIRO DE GARCIA DE REZENDE

Grande livro. Alvitram sabidos julgadores que é escasso de poesia. É! Não busqueis n'elle com effeito alteza de pensamentos, nem raptos de phantasia, nem profundidade de sentir. Não toma de vós nunca a inspiração dos poetas, não vos arrebatou por esses espaços fóra. Decerto. Ali não ha memoria de homens que houvessem feito das letras, rima las ou não, profissão e lei. Assim é.

Mas ha corteãos e cavalleiros. Ha espiritos juvenis, alegres, descuidosos que mais depressa riem do que choram os seus amores, que mutuamente se chameam, que se apodam mutuamente, nos serões palacianos, ante os olhos da mulher amada, com o despalante, a frescura, o desasombro, com que se o caso o requeria, se feriam depois no recontro nocturno não com o gume metaphorico de suas espargas e vilancetes mas com a ponta discretamente afiada de suas espadas e punhaes.

Não é poesia de poetas, é poesia de cavalleiros. Ri, corteja, provoca, discreta, enreda trocadilhos, aguça subtilidades, tece gabos ás damas, apupa os covardes, sibila vilanias, ajoelha descoberta e devota perante a realza e a formosura, ama a guerra, applaude as facções dos heróis e os requintes da elegancia corteã, moteja dos frades e da clerezia ao mesmo tempo que irrompe em devotas jaculatorias á Virgem e aos santos. É leviana, seguramente; superficial, com certeza. Mas tem espontaneidade, tem vida, tem musculos. São passados trezentos annos e move-se e acena e falla. Nem sempre comprehendemos os seus movimentos, os seus gestos e dizeres; a malicia d'esta allusão quasi desmaion de todo para nós; despontou-se o rojão d'esse epigramma; tal venabulo esqueceu-se a nosso vêr do alvo a que o arremessou a mão gaiata do poeta. ... Não é porém

sua a culpa; é do tempo que nos deu um espirito, que pouco diz com o seu espirito, uma alma que mal comprehende a sua alma, uma vida que nos fizera parecer a vida do seu tempo um sonho, uma criação brilhante, mas phantastica e vã, de cerebros enfermos, se não fosse o testemunho irrefragavel de suas paginas poetas.

Nos nossos tempos de prosa, de tristeza, d'aquella «austera, apagada e vil tristeza» de que nos falla o epico com a presciencia do genio, a poesia refugiou-se nos livros. Nós escandimos, penosamente, rimamos desvanecidos, soluçamos caramunhentos, ou armamos funambulescos a poesia de hoje na lidada nudez dos nossos gabinetes. Elles faziam a sua poesia, a sua maravilhosa poesia que allunhou e enriqueceu o mundo a ponta de lança, e a tiros de arcabuzes e colubinas nos presidios de Africa, nas tranqueiras de Ormuz e Calecut, ou nos deheis galeões e nas caracas atrevidas a braços com a encapellada braveza dos oceanos. A sua poesia escripta é a deliciosa contraprove d'esta poesia feita.

É uma poesia de serão modesto e recolhido, ou de sarau festivo e real, com as damas sentadas pelos almadaques setinosos dos estrados e mais attentas ainda á lição de trovas alegres ou maliciosas, ou á narração discreta de heroicos feitos e estranhas aventuras do que á delicadeza de seus labores feminis. Resfolgavam livremente n'ella os heróis a quem a furia das tormentas, as pejeias da India ou as entradas africanas permittiam no remanso dourado da corte algumas horas de paz e de descanso; n'ella ensaiavam a ousadia, a firmeza alegre e tenaz nos perigos, a descuidosa indifferença nos lanços mais duros da vida soldadesca, ou a fria bravura da arremetida nas refregas do ultramar, os cavalleirescos moços que entravam das alegrias da puberdade para as asperezas da idade varonil pela porta ensanguentada dos combates.

A belleza unica da poesia do cancionero está n'isso: em ser o reflexo da vida portugueza n'um dos mais extraordinarios periodos que viu a historia da humanidade. A quem a não encara sob este aspecto passará, por fria, monotona, enredada, sophistica, pueril nos conceitos, avessa e obscura nos estylos, nos metros rude, vulgar, asperrima. Comprehendida, observada, estudada como cumpre que o seja por nós todos, mas despidos antecipadamente dasmeticulosas e subtilezas exigencias das nossas estheticas impertinentes, essa poesia original, rude, mal rimada, e peor medida, se quizerem, mas sadia, viril, rija como lamina de fino aço temperada nas aguas privilegiadas do Ebro e brilhante como seus reflexos prateados, calando-nos a pouco e pouco a alma e o coração, hade embeber-nos até as suas mais intimas fibras do mais soberbo prazer que pôde dilatar um peito humano. Haveis de folgar, gargarhar as mais heroicas, as mais divinas risadas com os rifões, e as tenções, e as espargas, as coplas, as tornas e os vilancetes, e as cantigas d'um João Barbato, d'um Fernão da Silveira, d'um Jorge de Aguiar d'um conde de Borba, ou do Vimioso, com os rudes chistes, e os despejados sainetes d'um endiabrado Diogo Fogaça «a uma dama muito gorda que se en-coustou a elle e cahiram ambos e ella disse-lhe sobre isso más palavras», d'um velhaco d'um Dom João de Menezes a uma dama que «beijava D. Guiomar de Castro» e dos outros galantes das «cousas de folgar», cujas verdes facecias soltas, alegres e rincho-nas, como poldros de leziria quando aperta a primavera, ainda conservam todo o viço, toda a frescura dos seus primeiros dias; e vereis que alguma cousa da jovial heroicidade dos nossos avós nos pene-

tra as veias da alma, nol-os aquece, e pulsa, nos remoeça e robustece a vida.

Não é nada. A primeira cousa em que uma pessoa pensa logo depois de haver penetrado intelligentemente n'aquelle delicioso dedalo do cancionero, é em mandar talhar-se ao Straus ou ao Keil uma andaina completa d'aquellas capinhas e pelotinhos e gibõesinhos, que pela sua estreiteza mulherenga tanto faziam raivar a Miscellanea do colleccionador do cancionero ou em ir tomar passagem para a India nos galeões de Vasco da Gama, que na mais bellicosidade ingenuidade julga vêr a balouçarem-se indolentes nas aguas do Tejo.

A Garcia de Resende, devemos os portuguezes os mais sinceros agradecimentos pela sua opulenta compilação. Nas paginas do cancionero ainda tão mal esquecidas reluzo quanto em seus dias mais felizes produziu na poesia o espirito genuinamente portuguez. Tudo quanto o precedeu foi provençal, tudo quanto se lhe seguiu até que Portugal que aos pedaços se foi arruinando todo como um velho tonto, perdeu na dominação castelhana até a memoria do seu nome, foi italiano e classico. Depois só nos appareceu, com um encanto que procurámos algures assignalar, nas poesias miúdas de Camões e lampejou o ultimo e o mais esplendido dos seus clarões na epopeia do grão cantor.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

#### SCENAS DA VIDA AMERICANA

##### CARMEN E JUANITO

POR

ALFREDO DE BREHAT

Versão portugueza

DE

JULIO DE MAGALHÃES

(Continuado do numero antecedente)

##### III

Ao longo das faces de Carmen correram lagrimas grossas como punhos. Abaixou o reboto (véu) para sobre o rosto, e affastou-se com o coração dolorosamente confrangido. No momento em que transpunha a porta do pateo, lançou ainda um ultimo olhar para Juanito, o qual estava conversando muito animadamente com miss Jenkins, e não viu que a sua noiva se retirava.

O moço attraes estava ajustando o preço da passagem. Como a exigencia era de oitenta piastras (quasi o quadruplo da tarifa habitual), o contracto só foi concluido depois de discussão renhida. Juanito, logo que os Yankees acceitaram as condições por elle impostas, sahio pressurosamente do pateo, e foi procurar a sua noiva. Não a encontrou porém. Cedendo á necessidade de expansão, natural nas mulheres, a pobre Carmen fóra desabafar com uma das suas amigas, que residia na outra extremidade da povoação.

No momento em que voltava pela segunda vez da casa da donzella para a *posada*, Juanito encontrou a meio caminho o dono da hospedaria, que se dirigiu para elle.

—Ven já já fallar com os teus passageiros, Juanito, lhe disse o estalajadeiro. Ha mais de meia hora que andam a procurar-te...

Diga-se a verdade: o digno estalajadeiro, se soubesse qual o motivo porque os seus hospedes queriam fallar sem demora com o attraes, talvez se mostrasse menos solícito em desempenhar a commissão de que elles o haviam incumbido.

Os Yankees queriam sahir immediatamente da povoação. Tinham encontrado na rua um pobre homem

atacado de cholera, e desde logo haviam resolvido fugir de Chagres sem perda de tempo. Agora cada minuto, que ali passavam, parecia-lhes um longo século...

— Queremos partir immediatamente, disse a donzella ao mexicano, logo que o avistou.

— Impossível, respondeu Juanito. Os homens que compõem a tripulação do meu barco estão cansadíssimos... Precisam repousar durante algumas horas...

— Combinámos que fosse de oitenta piastras o preço da passagem, interrompeu Clara Jenkins; mas, se partirmos já, já, dar-lhe-hei cem.

— Não posso... insistiu o arraes depois de um momento de hesitação.

— Quanto havemos de dar-lhe para partirmos d'aqui a uma hora?

O mancebo hesitou de novo.

— Duzentas piastras, respondeu elle por fim.

Depois de um longo debate, o preço do novo contracto foi fixado em cento e vinte piastras. Juanito sahia da *posada* correndo, para ir procurar os seus companheiros Carlo Barista e Dionysio Palmato. Os dois marinheiros estavam de copo em punho na *tenda* de San-Luiz. Estimulados pela esperança de um ganho tão consideravel, do qual haviam de ter a sua parte, apressaram-se a ir, não obstante estarem de-veras fatigados, preparar e dispor todas as coisas para a nova viagem do *Santa-Barbara*.

No entretanto Juanito voltava a procurar a sua noiva, que encontrou por fim, e com a qual facilmente se reconciliou, embora ella insistisse em pedir-lhe que não sahisse de Chagres n'aquella occasião.

— Não sei porque, tenho medo d'essa viagem... lhe dizia ella chorando. Não te separe de mim agora, Juanito... supplico-t'o!

Impressionado pelas lagrimas da pobre Carmen, Juanito não tinha coragem para se arrancar da doce prisão, que lhe formavam os braços da donzella. So o conseguiu fazendo um supremo esforço, no momento em que avistou Dionysio Palmato, o qual ia procurá-lo para lhe dizer, que os passageiros se achavam já a bordo do pangaio, e queriam partir sem demora para longe de Chagres.

Quando chegou perto dos dois amantes, e viu Carmen nos braços do mexicano, Dionysio contrahi medonhamente o semblante. Sem reparar no olhar sombrio e ameaçador, com que o marinheiro parecia querer fulminá-lo, Juanito pousou Carmen meio desmaiada sobre a herva, e partiu correndo, seguindo de perto por Dionysio.

Passada apenas meia hora, o pangaio levantava ferro, e dirigia-se para Cruces.

Oculta por detraz dos troncos dos tamarindos da margem do rio, Carmen seguiu com o olhar, em quanto ponde, a embarcação que lhe levava para longe o homem, que tão apaixonadamente amava.

Carlo Barista e Dionysio Palmato remavam na proa do barco, trocando um com o outro algumas palavras em voz baixa.

Juanito, assentado na pôpa, governava o leme. Miss Clara, abrigando-se dos ardores do sol debaixo de uma especie de pavilhão, que por excepção se achava n'aquella dia ornado de flores (circunstancia que não deixou de ser notada por Carmen) conversava com Juanito. *Mistress Jenkins* estava absorpta na leitura de uma biblia. Harry Burdett começava a preparar um *grog*, cuja chamma azulada só devia apagar-se, quando se esgotasse completamente o frasco de *rum*, que o americano levava em bandoleira.

Clara interrogava simplesmente o arraes acerca da distancia, que separava Chagres do primeiro

ponto, em que o barco devia parar, e sobre as difficuldades que podiam ser encontradas no trajecto. Juanito respondia a donzella com a delicadeza, ou para melhor dizer, com a galanteria puramente castelhana, que os mexicanos, mesmo os de baixa esphera, herdaram dos seus antepassados hespanhoes.

(Continúa)

## HORAS DE OCIO

### Logogripho (Por letras)

Apenas eu pude ver  
Tua singular belleza  
E cheguei a conhecer  
Que tinhas d'esta a pureza—3-2-5-4-6  
O meu terno coração,  
Que d'amor estava isento,  
Começou n'esse momento  
A nutrir terna paixão. 6-3-2-5

Para expor-te o que senti,  
A teus pés rojar-me quize;  
Porém da sorte temi  
Mais este louco infeliz. 2-1-2-5  
Então desejei cantar-te,  
Elevar teu nome ao ceu;  
Mas isto só um Direcu  
Soube fazer-o com arte. 5-4-3-6

Quiz a sabia natureza  
Ao formar tua figura,  
Que vencesse em belleza  
A roza da formosura;  
Porem como não ha bello,  
Que não tenha algum senão,  
Foi-te dado um coração  
De frio marmore e gello.

ARMINHO

### Pergunta indiscreta

Qual é a coisa branca no ar e amarella no chão?

CARMELITA.

### Fantasia arithmetica

Juntar tres a quatro e achar um.

EUCLIDES.

### Soluções dos problemas do n.º 49

*Pergunta indiscreta.* — Caminha (a palavra, que segundo a lenda, Jesus disse a Aslavery).

*Charadas novissimas.* — 1.ª Arimamar; 2.ª Ayrdor; 3.ª Pancada.

*Problema arithmetico.* — M 1 (mil e um em numeracao romana) juntando se-lhe cincoenta em numeracao romana 1, fica MIL, que é inferior uma unidade a M 1 (1000 menos que 1001).

### Soluções certas

*Pergunta indiscreta.* — Vasco (Coimbra), Carmo e Sousa, B. M. (Vianna do Castello), Abilio (Cordeiro, Viçña, Hamlet (Merceana).

*Charadas novissimas.* — Nadége (Coimbra), Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Teniers (Santarém), Edipo, Carmelita, Acertei? (Loulé), Botão de Roca (Evora), Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cadaaval), Viçña, Hamlet (Merceana), Pedro José Calhaneas (Elvas).

*Problema arithmetico.* — Dois Estouvados, Acertei? (Loulé), Edipo, Vasco (Coimbra), Carmelita, B. M. (Vianna do Castello).

## ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisso e Constant Améro

(Continuado de pag. 400)

XXXIV

Os fugitivos tiveram em breve a prova d'este ultimo facto. Apenas o Kamakay se ausentou, penetrou na cabana um indigena, trazido pela noticia da presença de um chaman. Era um homem edoso, que se distinguia dos outros indigenas por uma certa elegancia no trajar. Trazia ao pescoço, por debaixo da kuchlanka felpuda, duas imagens e quatro cruces; no peito ostentavam-se duas certidões mettidas entre duas taboinhas, e pelas declarações verbaes, que fez, soube-se que uma d'essas certidões attestava que elle e os seus tres filhos eram baptisados; a outra, que recebera de um chefe poderoso — ignorava que era o czar —, um kamley de panno encarnado agradecendo a remessa de uma pelle de raposa muito rara.

Para affirmar a sua orthodoxia, o homem persignava-se e benzia-se repetidas vezes enquanto falava. O parisiense imaginou logo fazer de Annawa — era o nome do ancião — um auxiliar valiosissimo para a libertação de Nadege.

Começou por ordenar a Tekel que lhe dissesse, que tencionavam ficar na tenda do chefe tanto tempo quanto lhes fosse necessario permanecer no paiz. Estava-se em março, e os fugitivos não podendo sonhar em retroceder para a cabana do cabo Baranoff, tinham só um recurso — ganhar tempo. Logo que os dias fossem mais compridos e menos frios, internar-se-hiam na peninsula tchuktcha. Tinham de ir ás margens do Aniyu, e depois, subindo até as nascentes d'elle atravez d'uma região montanhosa, ir ter novamente ao Anadyr e descer ao mar de Behring.

A tenda do Kamakay, apezar do fedor infecto, que sahia da alcova, era sem duvida a habitação mais confortavel da região. Ficar senhor d'ella com o auxilio de sciencias occultas, era obra de mestre. O parisiense, fazendo-se acompanhar do ancião, que não deixava de benzer-se, deu tres voltas em roda da tenda, rufando no tambor magico. Em seguida, declarou ao indigena que todo aquelle, que tentasse penetrar na tenda sem sua licença, morreria na lua nova.

Durante esta cerimonia Nuketu e Kokerjabin, ajudadas pelas duas escravas, reuniam o que tinham de levar, e Nadege viu as cruces mulheres, que a tinham feito soffrer tanto, fugir á pressa para evitar as maldições, que choviam de fora impetradas pelo chaman.

Depois de uma lavagem, em que todos trabalharam, os fugitivos estabeleceram-se o melhor possivel na tenda do Kamakay. Tinham junto de si as armas carregadas para caso de aggressão. Tekel e Chort revezavam-se como sentinellas dia e noite. Wab fazia tambem muito boa guarda. Quando Yegor e o sr. Lafleur se aventuravam a sahir, armavam-se até aos dentes.

Mas os fugitivos sentiam-se ameaçados seriamente pelas disposições hostis de toda a tribu. Notavam o aspecto carrancudo, irritado dos indigenas, que nem sequer respondiam ás palavras de polidez, que lhes eram dirigidas por intervenção de Tekel. Ficavam silenciosos, que é o cumulo do descontentamento entre os homens d'aquella raça como entre nós uma torrente de palavras é effeito da colera.

Passado pouco tempo o parisiense soube por Annawa, bom homem muito fallador, que os indigenas queriam seduzir os pela fome.

Era um golpe terrível que o supposto chamam queria evitar. Ajudado por Annawa, fomentou uma insurreição contra o Kamakay, e conseguiu reunir mais de metade dos guerreiros do lado do Espírito, cujas manifestações anunciava.

A tentativa arrojada do sr. Lafleur devia ter consequências cruéis para o Kamakay. O chamam ordenou o sacrificio de tres rennas brancas, e no momento, em que o fogo devorava as victimas, pronunciou a destituição do chefe e o seu exilio. A escolha que o sr. Lafleur fez de Annawa para succeder ao Kamakay, raptor de donzellas, era habilissima, e devia sortir o melhor effeito.

Desde o dia seguinte ao sacrificio solemne, não se ouviu fallar mais de Tchikine. Teve de resignar-se á destituição e fugir da tribu — sem poder ao menos levar consigo as duas mulheres e as duas escravas.

— É justo, murmurou Yermac. Em que se fiaria

conheciam a região. Caminharam primeiramente através de bosques rachíticos e enfezados. Depois começou a apparecer um especie de musgo n'um solo pantanoso. Sobre as collinas viam-se já bandos de aves dos pantanos. Chegaram a uns acampamentos desertos de tchukchas nomadas, caracterizados principalmente pelas nodos negras dos «dimokurs» infectos, formados de hervas e musgo, a que se deita fogo no verão para afugentar as myriades de mosquitos, que atormentam homens e animaes durante o calor.

Por entre os pinheiros, os viajantes preferiam os lugares menos povoados de arvores, ou andavam pelos caminhos das rennas, porque se achavam na região tchukcha, em que abundam estes quadrupedes. Nas margens de um ribeiro viram grande numero de laços armados ás zebelinas e raposas, laços que pareciam abandonados. Um pouco mais longe desco-

florestas, vinham para as margens do mar fugidas dos mosquitos; as plantas novas offereciam alguns recursos. As saxiafragas, as gencianas, as achilleas millefolium começavam a germinar, n'um espaço vestido de musgo verde já se ostentavam alegres os ramilhetes de flores cor de rosa.

A neve parecia, aqui e ali, manchada de sangue, salpicada pelos lichens, ou corada de verde e amarello por uma flora de cryptogamicas rudimentares. Algumas raizes serviam de optimo tempero para a carne de renna; e para substituir o chá, de que não havia uma só folha, os fugitivos colhião sobre o granito um certo musgo, que misturavam com uma herva aromatica.

A caça tornava-se facil, sobreindo a da renna, e depois de quebrarem a crosta gelada dos ribeiros, pescavam muksunas, nelma e tchir — grandes peixes da especie das trutas e salmões.



A ABBADIA D'ORVAL.

aquelle velhaco... que nem soube que é subdito do czar, e por consequencia sujeito ás leis do imperio?

O chefe de policia bem desejava converter, primeiro ás suas ideias, depois ao seu plano, o novo Kamakay, christão e condecorado com um documento imperial; mas o sr. Lafleur antevendo o negocio, dispoz tudo convenientemente; e como só Tekel podia servir de interprete, Yermac viu-se privado d'este novo recurso, que se apresentou ao seu espirito tecundo.

Chegou finalmente a occasião, em que era util porrem-se a caminho. Foi com indizível satisfação que Yegor, tendo ao lado em uma das nartas a filha de Davidoff, abandonou aquella habitação, a que viera procurar-a com a morte na alma, quando encontrado por Ladislau, pelos guias e por Yermac, soube o lugar, em que a innocente menina gemia e chamava por elle em seu auxilio.

Tratava-se de encontrar a corrente do Aniy, o que não era coisa facil, porque os guias quasi não

briram junto de uma corrente um enorme dente de mammoth, que devia pezar pelo menos cincoenta kilogrammas. Adheria por tal forma ao gelo, que lhes não foi possível arrancal-o. Para além do bosque estendia-se uma vasta planicie pantanosa, que devia ter sido arborizada.

Os cães andavam com difficuldade por cima da neve molle ou meio fendida pela acção do sol.

De noite os fugitivos acampavam no lugar, em que se encontravam. Nadege e Ladislau achavam sempre armada a sua tenda. Os homens dormiam dentro das nartas ou deitados sobre a neve.

Finalmente, n'esta ultimo parte da viagem, reproduziram-se para Yegor e os seus companheiros, com menos intensidade é certo, os perigos, soffrimentos e fadigas, que os tinham flagellado sem interrupção: frio, guerra dos elementos, privações, ataques de feras esfaimadas.

Mas os dias tinham crescido. Com a primavera reapareciam os passaros; as rennas, deixando as

Um dia de manhã, ao romper d'alva, estando a dormir ao ar livre, foram despertados por gritos agudos. Os gritos provinham de um enorme bando de patos, que abatiam vôo sobre a superficie de um lago meio gelado. Yegor, o sr. Lafleur e os dois yakutes armaram-se de paus e cercaram o lago. Wab atirou-se á agua e á neve, lançou a desordem entre os patos, que fugiram para as bordas, onde os caçadores mataram em pouco tempo mais de trinta.

(Continua.)

## CORRESPONDENCIA

*Botão de Rosa.* — Não encontramos a carta a que se refere; mas como declara que pode reproduzir o aerotico, obsequia-nos muito se se quizer dar a esse incommodo.

C. — Jesus Christo fallou em Alpilhão! Não sabiamos, mas é possível. Conte-nos como foi isso. Estamos curiosos de saber em que circumstancias da sua vida fallaria Jesus Christo em Alpilhão!